



T Á B U A

Sondagem

I	Porque para esse	XVII	É a nostálgica
II	Para!, a terra	XVIII	Quando a manopla
III	Tinha havido	XIX	Essa hora
IV	Quando habitava	XX	Este-aqui
V	Para ele não há lugar	XXI	Aquele túmulo branco
VI	Falo da que se cobre	XXII	Depois, amiga
VII	Como o lavrador	XXIII	Esse, rumo ao possível
VIII	Antiquíssimas	XXIV	Olha agora
IX	A hora perfeita	XXV	Amarela em cachos
X	Parecia uma verbena	XXVI	Em regaço de rei
XI	Aquela madrugada	XXVII	Nos desvãos salgados
XII	Ainda te digo	XXVIII	Nossa oferenda
XIII	Joga, filho	XXIX	Lavo as mãos
XIV	Nesta manhã	XXX	A escrita dos astros
XV	Quanto tal nome	XXXI	Que não se sinta
XVI	Na fenda do granito	XXXII	Alegria nessa vitória

LIVRARIA SÃO JOSÉ - 1976

Orelhas do livro

Elaborado de 1961 a 1976 - este livro - *Sondagem* - composto nas Oficinas da GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA LTDA. à Rua da Regeneração, 475, em Bonsucesso, RJ, Brasil, acabou-se de imprimir em abril de 1977.

SONDAGEM, s.f., ação ou efeito de sondar, medir, explorar com sonda a profundidade do mar. / Perfuração do solo com o fim de averiguar-lhe a natureza, águas subterrâneas, petróleo. / Exploração vertical da atmosfera; dos ventos reinantes em uma região para a aeronavegação. - ENC. Na sondagem marítima emprega-se, para pequenas profundidades, um prumo de chumbo preso a uma sondareza; nas grandes, é realizada pelo sonar, aparelho que utiliza a técnica de rastreamento através de ondas, vulgarmente dito ultra-sons. - FIL. Ato de penetrar pela visão na quididade do objeto. - FIG. Assuntar o segredo de alguém; perscrutar pensamentos, intenções; mergulhar em si mesmo.

... **P**ORQUE para esse recalcitrante vivente, o homem, a poesia importa pouco.

Mas está-aí. E assume muitas formas, silentes, insidiosas, submarinas.

A poesia sabe-se destino, a poesia

sabe-se a íntima do ser, e lá

– serva não, grande senhora –

dobra a alva túnica-sem-costura e ajoelha todas as horas.

Aqui a poesia empresta aos mármore a matéria de seu rosto.

PARA!, A terra silenciosa agoniza às feridas da vivissecção. O vegetal é teu irmão – predador.

No animal tens o teu mais próximo afim – sacrificador.

Virtude de tua mão – esse reino – a máquina.

Orgulhar te podes de tal brinquedo, o mais novo, do escorreito e do vigor de seus desempenhos e cromadas formas, dominador.

Mas a vida, ah! a vida não é o-feito-pelo-homem.

Está para além. E é reverência.

TINHA havido um cataclismo.

Pacientemente o chão digeriu a migalha de toda criatura apodrecida.

O poderoso laboratório! Sem urgências, a existência generava.

O GRANDE OLHO

a luzir sobre Promontórios, sobre Hiléias e Saaras, sobre Oceanos e Continentes. Cimo do existir, oh tempo novíssimo! Agora Géia era bela
bela como uma morada sem ídolos.

QUANDO habitava o Setentrião

seres e eventos em pequenos cubos eu os acastelava.

E esta certeza me aquecia. Arrimei-lhes depois os prismas e as esferas, os cilindros e os cones. Oh perfeição de xadrez! Que me definitivamente tranquilizava.

Mas no Meio-Dia, derreteram-se, ao Sol, meus sólidos.

Postremo, quando ia já afogando, enxerguei céu e terra e mar e vento e o que há neles. E me vi –

sorrindo, à face de todo o mistério.

PARA ELE não há lugar. É aquele que existe de favor.

Mas o poeta alça os ombros e se concilia.

Foi, se uma vez volveu o olhar, em vias de impura lucidez. – E atentai que limpas são as suas jovens mãos.

O poeta conhece: no arrojo-furor das mênades paga o salário, sem orgulho! de tanta prata em suas arcas.

Perto de quanto é vivo –

lábios afinados para o canto, dono de mundo como todo pássaro, nem trocaria o seu bem por um império.

FALO da que se cobre de garridas cores, do liso corpo desprende penetrantes odores, agita

alto os guizos nos esguios dedos, - e dança, dança: a que sempre frente aos espelhos ri e chora e todos, todos! cortejam por toda a parte; e falo da outra –

ah! que “hais le mouvement qui déplace les lignes”, a sem atavios, fraterna da sagesa, a que ninguém celebra, gêmea da morte;

aludo, naturalmente, à Vida e à Beleza.

COMO o lavrador que prepara o campo na esperança de chuva

outrotanto aquele faz que cria no espírito abrindo espaço para o acontecimento.

(Que esta é a condição: acesas vigílias, rupturas, espera e rigor até o meio-dia da vindima)

E sobre o chão, e sobre o espírito sobrevém da altura, valia e diamante, a chuva – pleno

sendo o júbilo de ambos, a terra duas vezes mais rica.

ANTIQUÍSSIMAS - aí-estão as vinte e três runas.

O pentagrama é invisível e a clave? Entre as bem-ordenadas essa simetria se enlaça, de colmeia, sílabas.

Silente melodia e balé –
o branco as acolhe, iluminadas, belas filhas...

Mas afigurar, os nomes se recusam. Como o Príncipe, não anelam parecer, os nomes querem ser.

Tal aquele que cria, eles no voo ou no pouso de palavra se extremam, - frágeis transeuntes expostas ao precário.

A HORA perfeita dos três irmãos –

aquele, antes de partirem, em que fraternizam sob a lâmpada;

Um pouco estão ali e comem do pão e confortam-se no escasso vinho sem palavras;

outro pouco e eis que o santo caminha para o deserto da multidão; vai-se o sábio à torre do pensamento, enquanto o mais moço

o visionário poeta sai-se para a noite pura e se abisma no arquipélago das constelações...

(o mundo, que nem os suspeita, pende de seus dedos)

PARECIA uma verbena

e era nascida nas dunas.

Vã glória de mal-amado proclamar que foi feliz.

Mas essa, marília minha, coração e alma me deu...

...Na minha ausência morreu.

Fui lá, onde ela jazia. Na face crespada do chão muita flor ainda vivia.

Quando a Lua enlutarou, parti bêbedo de dor. Mas não, partiu foi um sócio – ali me morri, morri.

AQUELA madrugada

puro afã de criar o outro – este – qualquer não, os sóis que ela acendia!

Tanto extremo! Agora

Jorra o canto obscuro – tudo

os tesouros da terra, o esplendor dos dias, é longínquo.

Aquela madrugada

concreção de muitos diamantes, de múltiplos mitos e partidas um outro tempo a dará para fulgores, outros?

AINDA te digo na confiança -

a manhã preserva altos favores para os fiéis.

Há que abdicar do sono, do outro, sua cinemática e burlas, o sonho.

Sol grande – ó demiurgo de um armazém na sombra

(a noite é a encantadora cruel das pobres coisas...)

que à tua só presença, pronto existem!

Esta, a hora das formas definidas

da nascente ideia – hora

agudíssima da luz, vinho-cristal do que inicia.

JOGA, filho, bem alto as redes. O que um audaz contempla, realiza-o. Vi um pouco (não muito) o desconcerto. Podia te referir bastante.

Era estragar palavras. Depois, tão grata a porção branca de uma página branca. Pertinente também manter essa zona, em nossa intimidade, de homem.

.....

Aspira, dono da vida! Que o tempo afinal cumpre.

NESTA MANHÃ o verde era mais jovial, era o VERDE.

Cada cor em seu lugar.

Cada coisa no seu ser.

Longe, três senão quatro algo crescidas árvores, lá onde as compridas decerto pintavam o azulado na água.

Não ver, só saber, duas vezes mais forte que ver.

Que vivo óleo-sobre-tela! de um momento sem propósito.

Escuro adentro – outro olhar – já árvores não:

L Â M P A D A S

E cada lâmpada da longa fileira de lâmpadas, como existia!

QUANTO tal nome - e tudo - soava originariamente!

Panorama geral de serra e chalé suíço, oh caramanchão, oh grimpantes
rosas-madeira!

(As outras - cor de rosa e brancas e amarelas e vermelhas.
Despetalavam... De-manhã joaquim as decepava com afiada lâmina,
buquês)

As rosas-madeira, não. Estas
escuras, sóbrias, secas e duras. Por isso - diziam-nos - ganharam esse
nome, eram as ROSAS-MADEIRA.

NA FENDA do granito do pedestal

(se ação de pássaro, se da ventania, quem o sabe?)

A obscura semente inaugura a aérea festa do afolhamento: cinco bem violados rebentos, e a promessa de mais.

E eis que anoto: já irrompem do verde do pecíolo as primeiras gavinhas...

Na fenda do granito. – De que te nutres, ascética?

É A NOSTÁLGICA de ninhos – do voo

retilíneo do pássaro, exilada na Cidade violenta
que lhe profana o novo vernal brunido.

Entre o chão e o espaço inteiro
os vínculos vão ocultos, até o extremo em que toda,
descoberta em ouro a palma, corporeidade desfolha.

Mais que verde, ó verdadeira!
desde sempre a celebrar em uníssonos com o homem,
- porosa presença, ÁRVORE.

QUANDO a manopla (invisível) arrancou a véstia da beguina

a nua mão gritou, já torcidamente pálida e logo incendiosa do
artelho à cabeça –

TREZENTOS ENFURIADOS ELEFANTES BARAFUSTARAM BEGUINÁRIA
ADENTRO...

O cornaca corcunda gargalhou.

Era terra de Flandres, finia o último quartel do século XV; e era agora e
como se não fora, sem moinhos nem tulipas, nos confins da febre e da
viagem...

essa hora roída pelo verme
essa hora cancelada no horóscopo
essa hora que o próprio purgatório deixou fora
essa hora em que todo gesto gora
essa hora que a si-mesma se devora
essa hora em que se neutram horizontes
essa hora bastarda
essa hora, em negrito, entre as horas
essa hora existente por equívoco, equívoco de quem?essa hora e por que?

"ESTE-AQUI (discursava o louco manso) sou eu não. Podem fuzilar o ladrão de sorrisos. – El Fantasma nem está aí, ih, ih, ih, ih,... Sacudiu os lastros. Sacudiu no aquário vermelho o festim, gracias! E voou pelo muro. Juro pela rotenona, pela ro-te-no-na, sou de Parte Nenhuma. Nome? Não tenho. Não se entra sem etiqueta? Está bem, está bem, não contrario. Chamem-me El Fantasma. Nem servo nem senhor. Ao Tribunal! Que entrem os juízes. O advogado do Diabo. O advogado de Deus. O outro, esse eu sou, El Fantasma. Ah, queridos! com ele *eu me converso*, dia e noite, noite e dia."

AQUELE túmulo branco (já nem tanto) no barranco. Moça? Afogado?
Barqueiro? Aquele túmulo branco.

Ali, o céu é anil de ferir. Pelo cerrado, cardo e palmeira erma
plenissol!

o espaço vibra.

De-noite oleoso réptil molemente estira a pele, de passo que a Lua
lambe o dorso do grande Rio.

Quieta avoante

- delícia -

veloz assoma a carranca de uma barcaça, com um homem.

DEPOIS, amiga te descrevo a festa naval. Quanto ao vaso severamente cinza, uma maravilha de engenharia.

Albatroz-real, pouso e não aderna um milímetro. A ondulação anula-se no casco, onde ao alto um nome se inscreve, azul, de marinheiro.

O de barba e tridente mira-se orgulhoso, Netuno.

Que fazem as nunca ausentes gaivotas – me pergunto – que não correm para as treliças dos mastros? em guirlanda.

ESSÉ, rumo ao possível, jogo mental de re-compor.

A ponte. Sobre os riscos verticais dos pilares, o reto perfil a fundir-se no horizonte.

Emergiria bem a ilha, à esquerda. Na aérea perspectiva, a mancha pálida dos edifícios...

Convém deslocar a boia, pouso móvel das gaivotas.

O mais – água, água, água

....Aceito esse rebocador, proa rubro-cinza agora frechando o parado mar pancetiano.

OLHA agora, - já o fundo violeta descoloriu. Luzes na enseada. E alguma estrela.

Outra doçura, o barco

que se aproxima. Estava ali, na penumbra – uma remada o desoculta. O-que-maneja-o-remo brada para o-que-lança-a-rede. A obscuridade entrega só o eco das tônicas: oi! ei! ão!

Um pouco

e de-novo se oblitera o imprevisto barco – calado, predando o trêmulo-vidrado das luminárias...

AMARELA em cachos, a acácia. Verão – a luz agride.

Ó triunfo do visível! O ar é transparência. Cada objeto recorta em close o contorno vivo – Pintor, vejo a paisagem ou uma tela?

Os taludes vermelham. Arredonda o tamarindo o rendado da copa renovada. Verde, verdes. O céu alto anila.

O mar pulsa.

Nuam-se os corpos.

E o estudioso guarda Kant na estante até o vindouro inverno.

EM REGAÇO de rei adormeceste. Os dedos das favoritas te cofiaram. E o pintor da Corte te reservou lugar no quadro.

Entre sedas, em Sião, nos coxins da tua disponibilidade ausente lambias e pelúcia do pelo. Porque esse antenar orelhas castanho-escuras era só para captar o murmulho das vozes... Ornamental.

Mas quanta felinidade indagora nessas unhas retráteis!

Amendoados e luminosos – quem não vê perpassar de fugida, na água-marinha de teus olhos, os relâmpagos de Shiva?

NOS DESVÃOS salgados dos paredões do mar moram os ratos.

O muro é mudo. Parece que ali nada acontece.

Assim que escurece

saem os ratos em reiteradas excursões

rápidas, saem para aplacar a fome nas dispensações da maré.

No movediço da areia os amantes desalteram outras fomes. A onda espraia.

(amanhã todos os vestígios estarão apagados)

Nossas oferendas pra princesa do Mar!

Em azul e branco vamos levar flores, acender vela na areia, cantar um canto, ei

bater palmas – pra Iemanjá!

Vinho alvo, com licença! pra Sereia do Mar.

Lua nova no céu, a primeira do ano

ei barquinhos! vão ondas afora com presentes – pra Iemanjá.

E vamos gente! Vamos pagar flores – rosas, cravos, brancos agapantos – pra nossa Mãe-d'água.

A alma saturada? Tem nada, Inaê, Rainha do Mar. tudo lavarás.

Vamos levar flores, brancas flores, - pra Iemanjá!

LAVO as mãos, visto o melhor vestido e separo o papel mais branco
- para te celebrar.

Quem te inventou inventou a coluna.

Grega, - te reconheço a grácil irmã das que sustentam o templo na colina
à luz do azul mediterrâneo, ó imperial, palma!

Cibele está feliz de tal filha: porfia a chuva com o chão para te nutrir; é
o vento que te ensina essa vênica; havia de se apagar o Sol quando não
mais te iluminasse.

Amo pensar-te a diletta dos elementos, núbil e solitária.

A ESCRITA dos astros no painel da noite não descobre o enigma?

Grato inda uma vez ter-vindo e vagar vivos sob o Sol.

Cativos nos lindes da Cidade cresce o outro deserto?

Dom maior é dado: a via que ascende e o verbo e o sonho.

Muito ignoramos? O essencial sabemos.

Para isto estamos: Conhecer e Amar. – Para isto somos: Amar e Morrer.

QUE NÃO se sinta estrangeiro. Habite e more. E se demore o homem em cada evento –

remonta o pássaro na força de todo o remígio

as sazões abandonam as primícias em sua quadra

um aliado nos presenteou a luz

há nos ofícios nobreza, todo os ofícios

e para que cuidais, companheiros, que está aí o mar? Homem e
mulher, querei-vos! Lembrai-vos porém de derrubar os espelhos. Depois, -
cantar e dançar.

ALEGRIA nessa vitória! a mais difícil. Destemor, eis a palavra.

Então cerravas os olhos. E os cerravas, oh labirinto! para não ver.
Romper

foi preciso lógicas e guardados, irrisórias horas desviver,
tantos fogos avivar. – Um dia madrugou.

Contempla, contempla como esse em labaredas consumou o prisioneiro,
formidável incêndio.

UM HOMEM CAMINHA SOLITÁRIO E FORTE EM CAMPO ABERTO.

ORELHAS

Xavier Placer busca a forma para compor o poema. Em verso? em prosa? Pouco importa. O que importa é a rosa viva que ele traz dessa viagem.

Francisco Pereira da Silva

Seu estilo é claro, limpo, ágil. Ritmo e harmonia se entrosam. Valoriza as palavras e retira delas o maior efeito. Não constrói a frase a sopapo, nem a faz curva e sinuosa, com o recurso fácil da adjetivação. Antes, afeiçoa-a com austeridade ao torneado do pensamento ou à delicadeza da sensibilidade.

Wilson Castelo Branco

Lido no romance, na crônica estilizada e na estória curta, me ficou a certeza de que, no poema em prosa, é também um poeta de primeira plana

Jorge Cooper

Eu vi as sucessivas fases da elaboração de *Sondagem*, na feliz convivência do poeta! Retirados os andaimes, desfeitas as escoras, ei-la cumprida (... comme un rêve de pierre) a beleza ascética da poesia de Placer.

Ronaldo Menegaz

De singular linhagem espiritual, no seu estilo - tecido de vivências ontológicas - a palavra se reduz ao exato valor: a expressão pura.

Arnaldo José de Castro

Estou encantado com os poemas de *Notícias da Viagem*. São dos textos mais refinados que v. já compôs, e o que há de melhor no gênero em nossa literatura, pelo que sei. Basta ver as novidades formais e estilísticas que v. apresenta.

Carlos Drummond de Andrade